



Ruy Baumer\*

# Os desafios atuais do Comsaúde

*Com melhoria da gestão, é possível, sim, oferecer melhor atendimento*

*Saúde*

O ministro José Gomes Temporão, desde que assumiu, nos tem surpreendido positivamente ao ampliar a agenda de discussão pública da saúde, incluindo temas novos, as preocupações tradicionais com a assistência e com o financiamento, como o desenvolvimento da produção nacional e a melhoria da gestão do sistema, negando-se a ficar prisioneiro da falta de recursos, que está a exigir um repensar do sistema de saúde em todo o mundo e não apenas no Brasil.

A experiência tem nos mostrado que em se tratando de temas complexos, como é a administração do complexo da saúde — que envolve as redes de atendimento público e complementar, hospitais, clínicas, laboratórios, fabricantes de medicamentos, equipamentos e insumos, organizados numa cadeia produtiva que gera em torno nove milhões de empregos diretos — a simplificação da agenda de discussão pública se presta muito mais à polarização entre os atores, do que ao encaminhamento de soluções positivas para o melhor atendimento do usuário, razão de ser do sistema.

Os diversos conflitos que temos acompanhado relacionados com o sistema de saúde expõem uma situação contraditória: os grupos organizados manifestam reivindicações justas e razoáveis, porém deixam os usuários atônitos diante das notícias relacionadas ao “caos da saúde” e desesperado diante da eventual necessidade de ter que buscar atendimento. Estabelecendo-se um ambiente negativo que acaba por potencializar os defeitos do sistema e que não encaminha para soluções positivas.

Desbloquear este debate com o objetivo de encaminhar soluções positivas à luz do interesse do público usuário do sistema, exige muito mais do que o tradicional “mais verbas”. Assim como qualquer comparativo com padrões internacionais evidencia que a saúde precisa de mais recursos, o simples acompanhamento do dia-a-dia do sistema demonstra que o desafio da melhoria da gestão não é algo trivial, e que se poderia, sim, oferecer um melhor atendimento com os recursos disponíveis.

O desenvolvimento e melhor estruturação da cadeia produtiva da saúde também podem apresentar grande contribuição ao País no âmbito da redução da exclusão social, uma vez que gera empregos mais qualificados do que a média da economia e tende a criar oportunidades para jovens egressos da universidade e de cursos técnicos, contribuindo para gerar uma dinâmica social virtuosa. Com relação especificamente à geração de empregos, deve-se levar em conta que o enorme déficit do País na produção de equipamentos e insumos para a saúde, em torno de 4 bilhões de dólares em 2006, abre a possibilidade concreta do surgimento de inúmeras novas plantas industriais. Agrega-se a isto o fato de muitos produtos, ainda importados, já estarem com suas patentes expiradas ou basearem-se em tecnologias largamente conhecidas e dominadas por potenciais fabricantes nacionais.

Por outro lado, entendemos que este esforço de articulação do governo e da sociedade deverá ter como resultado uma indústria competitiva no cenário global, produzindo com padrões internacionais de quali-

dade e atendendo às demandas internas com preços justos e resolubilidade compatível. Capaz, portanto, de produzir soluções adequadas às necessidades do País em termos de preços e funcionalidades esperadas.

Neste sentido, é preciso ter presente a realidade das indústrias nacionais que compõem o complexo industrial da saúde. Por exemplo, nenhuma empresa de capital nacional possui faturamento anual superior a R\$ 100 milhões de reais. Considerando-se que as grandes empresas internacionais faturam na casa de dezenas de bilhões de dólares, constata-se que as “grandes” nacionais não pas-

## **A transformação da cadeia produtiva da saúde numa alavanca do desenvolvimento demanda um grande esforço de articulação**

sam de “micro-empresas” quando comparadas com seus concorrentes internacionais.

A transformação da cadeia produtiva da saúde numa poderosa alavanca do desenvolvimento nacional demanda um grande esforço de articulação com vistas a formular uma política nacional abrangente para o setor. Este processo deve envolver, além das autoridades, os profissionais de saúde e os prestadores de serviço públicos e privados no sentido de definir um padrão de atendimento coerente com as possibilidades de financiamento do País, bem como redefinir o ambiente institucional buscando melhores condições operacionais aos agentes envolvidos.

Ao mesmo tempo faz-se necessário alterar o ambiente econômico e de regulação para que a produção nacional possa se desenvolver no ritmo necessário.

A indústria não está apenas pronta para crescer e produzir mais, está pronta também para auxiliar o governo e a sociedade a construir espaços geradores de consensos, que permitam superar os gargalos existentes, tanto para o melhor atendimento dos usuários do sistema quanto aumentar os empregos e a renda gerada no País.

Com este objetivo a Fiesp tomou a iniciativa de criar o Conselho da Cadeia Produtiva da Saúde (Comsaúde), colegiado que tem se reunido periodicamente e que conta com a participação de todos os atores citados. O Comsaúde pretende ser um espaço de encontro, de racionalização e sistematização de propostas para que, a partir de uma visão sistêmica e abrangente, possa demandar mudanças institucionais capazes de configurar uma nova realidade.

O atendimento adequado da população brasileira exige uma melhor gestão dos recursos humanos e materiais disponíveis, exige profissionais treinados e motivados com condições adequadas de trabalho, exige prestadores de serviços com capacidade operacional de atendimento e uma indústria que produza equipamentos e insumos coerentes com as necessidades destes. Organizar estes atores e os diversos órgãos de governo com vistas a formular ações concretas que encaminhem nesta direção é uma tarefa de longo prazo e é o desafio que o Comsaúde se propõe.

\* Coordenador do Comsaúde-Fiesp